



Sónia Gomes

Sou escultura. Sou pintura. Sou desenho. Nasci. Quero assombrar o mundo com beleza

Nuno Crespo, em São Paulo (Texto) **Nuno Ferreira Santos** (Fotografia)

É uma das mais fulgurantes artistas brasileiras. *Torcer, Amarrar e Pender* é a sua primeira exposição em Portugal. Conversa com esta “artista da torção” e do fazer manual no seu atelier.

Sónia Gomes (n. 1948, Caetanópolis, Minas Gerais, Brasil) é dona de uma imaginação, sensibilidade e poesia inigualáveis. Apesar de, na escola, nunca ter aprendido que uma mulher negra pode exprimir beleza através do seu corpo e da sua atenção, construiu um universo onde, acredita, a beleza pode curar o mundo e, de algum modo, curar-nos a nós, humanos.

Nos seus trabalhos surgem caminhos de conciliação e de beleza, mas também uma energia que rompe e torce as referências comuns da arte ocidental. No seu lugar, vê-se surgir uma arte capaz de expressar, como diz a artista, “os muitos ‘brasis’ existentes dentro do Brasil”.

Não sabe bem se nunca estudou artes porque não quis, se porque nunca imaginou que, no Brasil, um negro pudesse fazer arte. “É que, no Brasil, o branco faz arte, o negro faz artesanato”, contou ao Ípsilon no seu atelier em São Paulo, enquanto preparava a sua primeira exposição em Portugal, *Torcer, Amarrar e Pender*, na galeria lisboeta Kunsthalle Lissabon.

Visitar Sónia Gomes no seu atelier é encontrar caixas e mais caixas e mais caixas cheias de tecidos, de roupas, e coisas que lhe vão enviando e que a artista vai descobrindo. Essas coisas ficam ali à espera de serem convocadas para entrar numa escultura ou numa pintura. A energia plástica e poética em espera sente-se na atmosfera do seu espaço de trabalho, que mais parece uma instalação tão ao jeito desta artista.

Nessas caixas estão guardadas muitas cores, muitas formas e, claro, muitas histórias. Por todo o lado, estão obras de Sónia: umas suspensas no tecto, outras encostadas num canto ou penduradas na parede. Gosta de trabalhar em várias peças ao mesmo tempo, nunca nada está totalmente acabado, repete. Nem mesmo quando estão em exposição estão finalizadas: podem sempre metamorfosear-se e tornar-se outra coisa qualquer.

Tal como a sua imaginação, as mãos de Sónia Gomes estão sempre em movimento. Durante a conversa com o Ípsilon, vimo-la com frequência a fazer desenhos no ar como quem, por magia, consegue construir objectos usando somente a ponta dos dedos. Esta proximidade entre o seu trabalho e um saber fazer guardado no corpo e nos gestos, é o que tem marcado profundamente esta artista que nunca ambicionara sê-lo.

“A coisa foi tomando uma propor-

ção que eu não sabia o que é. Alguém falava que era artesanato, outros falavam que era arte contemporânea. Só sei que no artesanato eu não cabia e na arte eu não cabia porque a minha arte era artesanato. Então, eu falei: se é isso que eu sei fazer, é isso que eu vou continuar fazendo.”

Esta experiência de não pertença nada impediu, porque a necessidade do fazer superava todos os constrangimentos de género estabelecidos pelos cânones artísticos. Para ela, a arte é um acontecimento natural que começou quando era jovem e decidiu fazer a sua própria roupa. “O corpo foi o meu primeiro suporte.”

Em Caetanópolis, cidade do interior de Minas Gerais, com menos de oito mil habitantes, Sónia Gomes não tinha acesso a nada - por isso, ri-se quando lhe perguntam quem são os seus artistas de referência. Ri-se, mas responde: “Sou eu mesma.” Não que não goste de arte: “Gosto de ver artistas, mas não há um artista que eu olhe e seja a minha maior referência.”

A origem do seu fazer, do seu pensar, do seu imaginar está num lugar profundo, nesse lugar onde reside o coração das coisas e ao qual a arte erudita e protocolada só dificilmente tem acesso. Esta é a prerrogativa da arte: poder tocar o fundo da vida, como tão bem viu Nietzsche, e como se pode experimentar com as “coisas” de Sónia Gomes.

Aquilo para que mais olhava era para a arte popular, incluindo a que se mostrava nas festas de origem africana, tradicionais na sua cidade. Uma ideia de arte popular que não se restringe ao artesanato, mas inclui a música (tão importante para Sónia Gomes), as danças, e não só.

Esse foi o modo como aprendeu que “nem tudo é arte, mas tudo pode ser arte.” E com esta ideia na cabeça, que ainda hoje perdura, tem desenvolvido uma abordagem à criação artística totalmente intuitiva, movida por uma curiosidade quase infantil de querer virar tudo do avesso.

A exposição na Kunsthalle Lissabon, primeira apresentação individual desta artista em Portugal, é exemplar no modo como, sinteticamente, nos coloca no interior do dinamismo do universo de Sónia Gomes. O título, composto unicamente por verbos, é um importante indicador de como, para ela, a arte está sempre ligada a um fazer com as mãos e com o corpo sensível, energético, orgânico. Das suas acções nasce um campo poético no qual o espectador entra e se deixa interpe-
lar, envolver e tomar por aqueles outros corpos-esculturas: uns obri-

gam-nos a olhar para cima, outros para o chão, outros em frente. Uma espacialização intensa que faz do espectador uma espécie de *performer* involuntário na tentativa de perceber as obras.

O vestido de noiva

Gosta de dizer que foi a vida a fazê-la artista. E que a vida possa ensinar alguém a ser artista é uma ideia abandonada no Ocidente desde as primeiras academias de arte e a formalização e desenvolvimento de modelos pedagógicos e vocabulários específicos para o ensino da arte. E, por isso, esta é uma posição importante para nos fazer pensar no lugar das artes no contexto das nossas sociedades actuais.

Apesar de se ter tornado artista, esse é um lugar de desconforto: “Eu sentia dificuldade de estar nesse lugar. Porque achava que aquilo não era para mim.” Uma dificuldade relacionada com o facto não só de ser autodidacta, mas também por ser uma mulher negra: “O racismo é tão grande que a gente não tem direito nem de sonhar.”

Por isso, é para se levar a sério quando diz: “Nunca imaginei estar nesse lugar em que estou hoje. Nunca. Foi acontecendo. Foi o trabalho que me levou. Foi acontecendo naturalmente. Tudo foi um susto.” Acrescenta: “Foi um processo de cura também. Eu tinha a necessidade de fazer esse trabalho. Eu e as minhas histórias ficamos escondidas nas peças.”

A necessidade não é dizer-se a si própria ou afirmar a sua identidade, mas a daqueles que lhe vão fazendo chegar histórias através das roupas e dos tecidos que lhe oferecem e são depois usados nas suas obras. Conta as histórias materialmente inscritas nas matérias do seu trabalho: as histórias são um segredo que se torna presente (e simultaneamente escondido) nas suas formas artísticas.

Sónia Gomes guarda e conta histórias de um modo subtil, poético, plástico. Não lhe interessa explorar narrativas didácticas, directas ou factuais, mas fazer das suas obras um espaço democrático e livre onde cada um não só descobre o outro, mas também outros mundos e outras versões de si mesmo.

Há um episódio que gosta de contar: envolve um vestido de noiva, e espelha o seu processo criativo e a natureza íntima das suas criações. “Uma senhora viu uma reportagem minha na Globo. Nunca vi essa mulher na minha vida. O filho dela me ligou e disse: ‘Minha mãe quer falar

“Eu não penso nos conceitos da negritude ou do feminismo. O meu trabalho é muito livre. Não estou nessas amarras”

com você.’ E me deu o telefone. Eu liguei. Ela falou assim: ‘Eu tenho o meu vestido de noiva, tem 60 anos e queria entregar-to. Você receberia?’ Eu falei: ‘Sim, é o meu trabalho.’”

A surpresa foi maior quando Sónia Gomes recebeu um enorme vestido, forrado a seda, que “só a marca do tempo tinha corroído”. “Eu tinha de ter respeito por aquilo. Desconstruí-o todo e virou uma escultura instalativa.”

Sem “amarras”

Mesmo fugindo da literalidade nas histórias que conta, sabe que o seu trabalho são as memórias. Mas, com cuidado, também alerta: “Eu não penso nos conceitos da negritude ou do feminismo. O meu trabalho é muito livre. Não estou nessas amarras.”

Apesar disso, essas questões estão presentes e vivas, atingindo a artista através de um inconsciente colectivo, como diz, ao qual as suas obras pertencem. Chega a essas questões, de novo, pelas mãos. Não é metáfora: fazer arte e o seu corpo estão relacionados poeticamente, defende. “Eu quero experimentar tudo.”

Não sendo uma artista figurativa - “Não gosto de figuração” -, as suas esculturas remetem para um universo de formas antropomórficas. “O meu trabalho vem do corpo, né? E ele é sempre na escala do corpo.”

A beleza alimenta-a

Com uma prática quotidiana de atelier onde os principais guias são as mãos e a sua intuição, Sónia toma algumas - poucas - notas. Não são anotações técnicas sobre as obras feitas ou por fazer, mas são motes poéticos que, de um modo ines- ▶

Na Kunsthalle Lissabon, mostra como a sua arte está sempre ligada a um fazer com as mãos





► perado, rodeiam invisivelmente - como um sopro - o trabalho que tem vindo a fazer.

“Eu não escrevo nada, mas sabe esses cadernos [de notas] que se vendem nos museus? Esses cadernos, eu adoro todos. E, às vezes, começo a fazer anotação num e noutra, então tem vários, sem terminar. Tem uma coisa que eu lembro, que eu escrevi olhando um trabalho meu. Escrevi assim: ‘Sou escultura. Sou pintura. Sou desenho. Nasci. Quero assombrar o mundo com beleza.’”

Assombrar o mundo com beleza é um verso que deu origem ao título do livro dedicado à artista recentemente lançado pela editora Cobogó, do Rio de Janeiro. Mas também anuncia um programa onde se declara a beleza como estratégia de enfrentar o mundo e a dor nele existente. A um mundo inundado de barulho e política, onde já ninguém consegue falar ou ouvir, a brasileira contrapõe a necessidade de beleza. “Preciso de encontrar beleza, é a beleza que me alimenta.”

Continua: “Está todo o mundo muito zangado. A maneira de sarar

todas essas hostilidades é através da beleza.” No livro onde, pela primeira vez, surgem alguns dos seus versos, escreve: “A arte não é inútil, ela ajuda/ a suportar a vida./ É inútil no sentido prático./ A arte transcende./ Com a arte superamos. [...] e assim transformo/ a minha dor em arte.”

As formas suspensas ou fixas numa parede, como as que vemos na Kunsthalle Lissabon, têm todas estas potências poéticas e de sentido. Para o trabalho desta artista, a relação com o espaço expositivo é fundamental. Pensa muito na relação que as suas obras vão ter com um espaço porque é aí que acontece o encontro com o espectador (que torna as obras em experiências suas, quase extensões do seu corpo, como se vê na exposição de Lisboa). Por isso, é sempre o espaço que a “instiga. Ele é que me diz se é isto ou aquilo. Se um espaço tem um pé direito alto, então vou explorar isso. As minhas exposições são conversas com o espaço”.

É uma dimensão instalativa que se tem vindo a intensificar através do recurso à música. Numa das suas mais recentes obras, *Sinfonia das*

Na exposição em Lisboa, o espectador torna-se uma espécie de performer

“Não vou ficar assim, artista da torção, repetindo o tempo todo. Eu ainda tenho muito que fazer”

cores, primeiro apresentada na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2023) e depois no pavilhão da Santa Sé durante a Bienal de Veneza (2024), ouve-se o violão de Plínio Fernandes, sons que circundam os 34 pendentes que compõem este trabalho e invisivelmente os circundam.

Olhou para *Sinfonia das cores* e “viu” música. Pensou: “Cheguei a casa, liguei a televisão e tinha um menino maravilhoso tocando um violão. Só ele assim, um solo dele com o violão. E foi imediato: ‘É isso.’”

A obra de Sónia Gomes está repleta destes acontecimentos e encontros, de coisas com que se cruza ou lhe caem nas mãos. “Fico meio impressionada com a forma como as coisas chegam. Sem eu as procurar. Às vezes, nem estou buscando e elas vêm. Como é que é aquela coisa? Eu não procuro, encontro. É assim, não é?”

Os encontros saciam uma necessidade de explorar o universo, que vê como muito rico. Quer evitar repetir-se, seguir fórmulas. “Eu não vou ficar assim, artista da torção, repetindo o tempo todo. Eu ainda tenho muito que fazer.”



★★★★★

Torcer, Amarrar e Pender
De Sónia Gomes
Curadoria: Luís Silva e João Mourão

LISBOA. Kunsthalle Lissabon. R. José Sobral Cid, 9E. De quinta a sábado, 15h-19h. Até 16 de Agosto